

Leopoldo Geyer

14 de junho de 1889 - 1985

Os olhos azuis estavam quase sempre apertados quando Leopoldo contemplava as águas *pele de león* do grandioso Guaíba.

Leopoldo não tinha muito afinco para os estudos, no entanto, tinha habilidades específicas e um tino comercial impressionante. Começou a trabalhar aos 10 anos fazendo pipas e brinquedinhos, vendendo-os numa espécie de banca que colocava na rua. Era um negociador nato. Vendo isso e sabendo da intolerância aos estudos, seu pai deu-lhe, quando ele tinha 14 anos, um emprego em sua joalheria com o compromisso de estudar à noite. Mas, ele não começou logo a aprender o ofício de relojoeiro. Começou varrendo a loja e limpando as vitrines. Em seguida, começou a dar corda nos relógios e entregá-los aos seus novos donos. Sem dúvida, essa experiência serviu-lhe para o resto da vida. Ajudou-o a valorizar o trabalho e a ser um autêntico empreendedor.

No entanto, apesar de ter genuíno apreço pelos relógios da Pêndula Misteriosa (nome da relojoaria da qual seu pai era sócio), Leopoldo estava sempre com o olhar voltado para o Guaíba.

Havia nessa época poucas embarcações circulantes. Uma delas chamou a atenção de Leopoldo, um pesado escaler, que ele comprou num leilão, em sociedade com Paulo Fucks. Depois de muito penarem, resolvem vendê-lo. Leopoldo era um adolescente quando isso aconteceu. Um novo século estava em curso. Era o ano de 1909.

Em 1916, com apenas 27 anos e a cabeça cheia de ideias, Leopoldo Geyer torna-se sócio da relojoaria que passa a se chamar Leopoldo Geyer & Cia. A Pendula Mágica some com a troca da razão social.

Distante mas não desinteressado, Leopoldo compra um dinghy e assim dá início a seu aprendizado no esporte da Vela. Porém, ainda não seria esse o seu barco. Tempos mais tarde, em 1932, fica magnetizado ao ver um 20m de nome Bavária. Ele vai atrás de seu proprietário, Zacob Zeller e logo se tornam amigos. Pouco tempo depois, já dominando a técnica do esporte, Geyer propõe a Zeller a compra do Bavária. Houve uma certa relutância, mas logo entraram em acordo. Geyer compraria o barco desde que Zeller participasse das velejadas e tomasse conta da embarcação. O aprendizado foi intenso, e Geyer tornou-se, em pouco tempo, um autêntico marinheiro.

Desde a fundação do primeiro clube, o Veleiros do Sul, em 1934, até a implantação do clube dos Jangadeiros em 1941, tudo se deve a Geyer no que se refere a desenvolvimento e incentivo ao esporte.

Já em 1937, Leopoldo compõe um grupo de velejadores e parte para o Urugua a fim de disputar a Copa Atlântica em Montevideu. Esta teria sido a primeira vez que velejadores brasileiros disputariam um campeonato internacional.

Não satisfeito em incentivar a vela local, Geyer uniu-se a Pimentel Duarte no Rio de Janeiro, e a Mariano Ferraz em São Paulo a fim de divulgarem por todos os meios o esporte da Vela.

Em 1935, em viagem à Alemanha, Geyer vislumbra, num lago nos arredores de Berlin, uma embarcação que o deixa absolutamente extasiado. Prontamente

entra em contato com o proprietário e adquire as plantas do barco. Chegando ao Brasil, entrega os desenhos nas mãos de Robert Funk que começa a empreitada urgentemente. Dos estaleiros do Veleiros do Sul o barco é carregado para a Exposição Farroupilha. Nascia ali o Cayru. Centenas de pessoas visitam a embarcação. Por dentro e por fora o Cayru era uma joia até então nunca vista naquele local.

As muitas temporadas passadas na Europa deram a Geyer uma grande experiência não somente em assuntos navais como o capacitaram a gerir com excelência os seus negócios.

A exibição do barco no pavilhão do Rio Grande do Sul foi essencial para a divulgação da Vela naquela região. Leopoldo percebe a importância do trabalho voluntário que começa a desenvolver e aproveita o entusiasmo daqueles que se interessam e soma forças a esses, criando o Comitê de Organização de Regatas – mais tarde chamada de Federação de Vela e Motor.

Geyer também fundou o Grêmio Desportivo Masson que mais tarde passou a se chamar Iate Clube Guaíba,

Para Leopoldo Geyer a Vela era sempre possível não importando se a pessoa tinha ou não condições de adquirir sua embarcação. Preocupado em socializar o esporte, ele fundou em 1959 a Sociedade dos Amigos da Vela (SAVEL). Seu objetivo principal era o financiamento das embarcações inclusive os vinte Snipes que participaram do Campeonato Mundial da classe também naquele ano. O mecanismo de funcionamento da SAVEL constituía em arrecadar dinheiro dos amantes da Vela que faziam doações cujos valores variavam de acordo com uma Ordem dos Ventos. Assim, Tufão pagava mais que Minuano e

este mais que Brisa. O capital que era reservado para somar-se ao dinheiro do próprio Geyer servia para financiar a construção de barcos. Formava-se um grupo de jovens pretendentes, cujos pais assinavam um contrato através do qual se comprometiam a pagar o barco em inúmeras prestações mensais. Na época das importações, da SAVEL, não havia correção monetária.

Pode-se dizer que foi Leopoldo Geyer quem inaugurou no Brasil o sistema de consórcio, beneficiando inúmeros velejadores dando a esses a possibilidade de se tornarem grandes campeões. A classe Snipe e a classe Pinguim, não teriam o sucesso que tiveram sem a presença constante de Geyer a frente da Federação e também na Vice – Comodoria do late Clube do Rio de Janeiro, bem como no período introduziu no clube uma escola de vela que hoje é chamada de Escola de Desportos Náuticos. Também implantou no late Clube do Rio de Janeiro a categoria de Sócio Veleiro que permitiu muitos jovens que não tinham posses pudessem começar a velejar, e a maioria acabou mais tarde se tornando sócios proprietários.

Pouco tempo durou a SAVEL, mas foi o suficiente para levar o entusiasmo pela Vela àqueles que não tinham condições de praticá-la.

Na visão, foi Edmundo Soares a seu neto, Leopoldo foi um homem muito à frente de seu tempo. Ele enxergava longe o âmago das pessoas, especialmente daquelas que com ele trabalhava. Ele sabia delegar e sabia especialmente como usar as palavras com sutileza e inteligência. Jamais chamava os empregados de empregados. Eram seus colaboradores. Ele nunca dava ordens, apenas os orientava.

Geyer foi o grande financiador do esporte da Vela. Não admitia que alguém deixasse de velejar por falta de embarcação. Ele tudo fazia para que o esporte atingisse o maior número de adeptos. Muitos campeões foram beneficiados com a sua generosidade e atenção. E por isso, a Vela atingiu patamares antes impensados para um país como o Brasil. O legado de Leopoldo Geyer não foi apenas destinado a seus descendentes, mas a uma legião de veleiros que hoje agradecem a Leopoldo Geyer as lições deixadas por ele a todos nós.

Maria Elizabeth Labouriau